

“HÁ QUE SUPORTAR O SOFRIMENTO E OFERECÊ-LO A DEUS. É A VIDA. DEUS ESTÁ PARA ALÉM DE TUDO ISTO. A MINHA VIDA É ESTAR COM DEUS. TEMOS DE VER DEUS EM TUDO”.



**o último segredo
de Pedro Arrupe**

“A única coisa que permanece, para sempre e em qualquer lugar, a única que me há de ajudar e orientar sempre, mesmo nas circunstâncias mais difíceis e nas incompreensões mais dolorosas, será sempre o amor do único amigo, Jesus Cristo”.

A comparação entre as teologias de Arrupe e de João Paulo, ajuda-nos a compreender a falta de comunicação entre estes dois homens de Deus, que conduzirá Pedro à *kénosis*, ao esvaziamento interior de nove anos de doença, vividos de forma heroica.

Confessou-me que tinha passado por quatro iluminações místicas na sua vida: “Vi-o com toda a clareza diante de Deus. Nós, jesuítas, tínhamos de dar aquele passo em frente. Foi algo inestimável, belíssimo” (e falava como que extasiado).

Possuía conhecimentos extrassensoriais acerca das pessoas. Quase todos os jesuítas se sentiam percebidos e compreendidos, mesmo antes de falarem com ele.

Celebram-se hoje **trinta anos sobre a morte de Arrupe.**

Partiu deste mundo, precisamente, a 15 de fevereiro, aniversário dos mártires de Nagasaki, no seu querido Japão. Quando o visitei em Roma, já afetado pela trombose, para uma entrevista com vista à sua biografia, **vivia da fé, no meio da marginalização e desautorização da Santa Sé.**

Jamais esquecerei a santidade do seu rosto já afetado pela trombose, e a sua aceitação da dor, com o terço entre as mãos. Ao reler os seus apontamentos de Villa Cavaletti, quando se preparava para ser geral da Companhia, comprovei que estava a viver o que já tinha intuído, **a solidão com Jesu Cristo: “Este amor pessoal tem um caráter de exclusividade ou de unicidade muito importante”** – escrevia ele -. Ao fim e ao cabo, **o único que resta é Jesus Cristo.** O resto da colaboração, estima pessoal e, até,

amor sincero, não passa de algo contingente e limitado, temporal, variável. A única coisa que permanece para sempre e em qualquer lugar, a única que me há de ajudar e orientar sempre, mesmo nas circunstâncias mais difíceis e nas incompreensões mais dolorosas, será **sempre o amor do único amigo, Jesus Cristo.** Isto não retira nada do valor das outras amizades, das relações verdadeiramente caritativas, cheias de sinceridade e de valor, com origem nos seres humanos. A vida é assim, nós homens somos assim, e **as dificuldades pessoais subjetivas** são tais, que somente se pode contar sempre, e em todas as circunstâncias, com Jesus Cristo. O geral é o chefe, mas é cabeça e pai. É governante e administrador; daí a amabilidade, o carinho, a simplicidade de pai, a clareza, a determinação, a firmeza... a compreensão, a delicadeza humana, o carinho e o amor”.

Nestes tempos revoltos e inseguros, **a figura do Padre Arrupe agiganta-se,**

a cada dia que passa, como testemunha e como profeta. Não posso esquecer os vinte dias que passei ao seu lado, no verão de 1983, depois da trombose que, em 1981 **enclausurou entre as quatro paredes brancas do seu quarto de enfermaria.** O seu relógio tinha parado, de novo, como a 6 de agosto de 1945, no fatídico dia da bomba atômica de Hiroshima. Desde então, ficara **situado entre o tempo e a eternidade.** Era um homem que tinha visto com toda a clareza, um homem de fé **liberto por dentro.**



Na vida de Pedro, nascido em Bilbau a 14 de novembro de 1917, há uma série de *kairoi* (**momentos de salvação**) que se projetam numa **magnífica personagem apaixonada.** Durante a infância, foi a perda dos pais, o **contacto com a injustiça,** na Madrid dos seus estudos de medicina e a **viagem a Lourdes.** Quando decidiu fazer-se jesuíta, a supressão da Companhia durante a República e o **desterro para a Bélgica,** catapultam-no a **cidadão do mundo, um coração universal,** que o converterá em profeta da globalização.

O Japão, com as suas **experiências do cárcere, a bomba atômica, o seu contacto com a cultura nipónica**

(inculturação), e o seu espírito incansável de **homem de diálogo,** irão completar a formação do novo geral da Companhia de Jesus (1962) em pleno Concílio Vaticano II, um espírito **ousado, inovador, criativo,** que, de algum modo, faz a releitura de Inácio de Loiola para o mundo de hoje.

As suas ideias antirracistas, a **sua reforma do ideário educativo, a sua luta contra a injustiça social e o ateísmo,** a sua abertura, converteram-no, sem que fosse essa a sua pretensão, numa personagem conflituosa. Era, porém, um homem santo, que fizera um voto extra de perfeição, **enamorado por Jesus de Nazaré,** a ponto de chegar a escolher, para cargos de responsabilidade, alguns dos seus “inimigos” que acabaram, depois, por o atraiçoar.

A comparação entre as teologias de Arrupe e de João Paulo ajuda-nos a compreender a falta de comunicação entre estes dois homens de Deus, que conduzirá Pedro à *kénosis*, **ao esvaziamento interior de nove anos de doença, vividos de forma heroica.** Tive oportunidade resgatar **o diário do seu enfermeiro, o irmão Bandera,** que bem revela o dia a dia desta **aceitação da vontade de Deus, em plena noite escura. Otimista, simples, simpático, magnético, valente e dedicado, foi pioneiro em temas que hoje em dia são aceites como irrevogáveis.** A sua vida e a sua mensagem resumem-se nas suas últimas palavras, um programa atual para todos: “Para o presente *amen,* para o futuro *aleluia*”.



Fico-me pela **última entrevista** com aquele Arrupe dolorido e só, para sublinhar o último segredo da sua vida de testemunha e profeta, quando, fechando os olhos e a muito custo, me disse: **“Há que sofrer e oferecer-Lhe este sofrimento. É a vida. Deus está para além de tudo isto. A minha vida é estar com Deus. Temos de ver Deus em tudo. Eu não entendo isto.** Mas deve vir de Deus, da sua Providência... De vez em quando, sinto uma força muito especial”. Ergue o terço e acrescenta: “Disto, muito, muito, muito. Para mim nada, nada, nada (e profere estas palavras com uma força muito especial). Viva Deus trino, em seguida o Coração de Jesus e depois este pobre. É o Senhor que me dá a sua luz. E eu quero dar tudo ao Senhor. Tudo, é muito difícil. O que Deus permitir. Algo muito especial que Ele nos enviou numa forma muito rápida. **Bendito seja Ele, benditos sejam os homens”** (era deste modo, “homens”, que se referia aos jesuítas).

Nunca mais esquecerei **aquela sua bênção, em que se serviu da mão esquerda** para erguer a mão direita. Beijo-lhe a mão e ele beija a minha. Ao sair, não pude conter a lágrimas. Na abertura da Congregação Geral, São

João Paulo II saudou o Padre Arrupe três vezes. Vale a pena ler a mensagem de despedida, aquando da sua renúncia.

Quando orava e celebrava missa, transfigurava-se como se não pertencesse a este mundo.

Teve, segundo me confessou, *quatro iluminações ou ilustrações*, durante a sua vida. Em que viu tudo com muita clareza:

Em Oña, quando escutou uma voz que lhe disse: “Tu serás o primeiro”.

Em Cleveland, durante a terceira provação. Possível data do seu voto de perfeição: “Começou para mim um novo mundo”.

Em Hiroshima, quando o relógio parou, após a explosão da bomba atômica.

Na tomada de decisões de especial importância: a opção pela justiça como uma consequência da fé. “Vi tudo muito claro diante de Deus. Nós, jesuítas, tínhamos de dar aquele passo em frente. Foi algo inestimável, belíssimo” (e falava como que extasiado).

Possuía conhecimentos extrassensoriais acerca das pessoas. Quase todos os jesuítas se sentiam percebidos e compreendidos, mesmo antes de falarem com ele.

Mostrou possuir o dom da profecia, quando se adiantou ao seu tempo, em temas que hoje constituem fenómenos da maior importância, sobretudo a imigração, novas formas de escravidão, refugiados, involução europeia, papel da mulher na Igreja, aldeia global, inculturação, diálogo inter-religioso, etc.

Mas vivendo sempre tudo com uma enorme naturalidade, sem se atribuir a mínima importância. Felizmente, muito embora entre os jesuítas sempre tenha sido considerado um santo, parece que agora, finalmente, se aproxima a hora do seu reconhecimento oficial.



Frases que o retratam

“Creio que a divisa do jesuíta, hoje em dia, é ‘Ámen e aleluia’. Ámen, porque a sua vida é fazer a vontade de Deus, e aleluia, porque isso o faz feliz”.

“Sou um pobre homem que procura estragar o menos possível a obra de

Deus”. Senhor: gostaria de conhecer-te como és. A tua imagem sobre mim bastará para mudar-me”.

“Para mim Deus é tudo. É o que preenche, completamente, a minha vida, e que me aparece na fisionomia de Jesus Cristo, no Jesus Cristo oculto na Eucaristia, e, depois, nos meus irmãos, os homens, que são a imagem de Deus”.

“Talvez o Senhor nunca tenha estado tão perto de nós, pois nunca estivemos tão inseguros”. Há quem morra por inanição, e quem morra por excesso de colesterol. A fome é filha natural da injustiça, uma injustiça que os países ricos podem evitar. Mas, digamo-lo com toda a clareza: não querem”.

“Para o presente ámen, para o futuro aleluia”.



Padre Arrupe, herói em Hiroshima

Uma testemunha presencial da devastação de Hiroshima pela bomba atômica está, desde ontem, em Bogotá: o sacerdote jesuíta PEDRO ARRUPE, que, no dia 6 de agosto de 1945 – primeiro dia da era atômica –, desempenhava o cargo de reitor do noviciado da Companhia de Jesus em Hiroshima. "Era maio de 1955, quando um promissor repórter colombiano se encontrou com o futuro propósito geral dos jesuítas. Escreveu uma magnífica reportagem para o jornal *El Espectador*. E, a partir dessa conversa, o jornalista GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ [*Gabo*], então com vinte e oito anos, apresentamos algumas perguntas que, para serem respondidas, necessitam de algo mais do que o melhor "**realismo mágico**".

A reportagem é do jornal *Avvenire*, 19-05-2014.

ARRUPE e a pequena comunidade de jesuítas sobreviveram à onda de choque, e mais que tudo, sem se contaminarem. Mas não só: o missionário espanhol era um dos pouquíssimos que tinha alguns conhecimentos de medicina. E, na total falta de medicamentos, "*um aldeão – relatou García Márquez – pôs à disposição do sacerdote um saco de vinte quilos de ácido bórico*". Com esse produto, que, diluído em água, pode aliviar as queimaduras, foram socorridas dezenas de pessoas. "**Hoje, todos se encontram em bom estado de saúde**", disse o padre Arrupe.

O que aconteceu entre "Gabo" e o jesuíta, foi algo mais do que uma entrevista de rotina. O grande escritor, falecido há um mês [em 2014], não renunciou a relatar

nenhuma das circunstâncias que, para muitos, pareciam incríveis.



"O lugar onde a bomba explodiu era o centro geográfico e, ao mesmo tempo, o centro comercial da cidade. Ao redor desse centro, numa área de dois quilômetros e meio, os habitantes foram vítimas imediatas da radioatividade, do calor e da explosão. Numa área de dois quilômetros e meio ao redor do centro de radioatividade, foram vítimas das reações térmicas e da explosão. Fora desse espaço, numa área de seis quilômetros, na qual se encontrava o noviciado da Companhia de Jesus, as vítimas foram causadas, exclusivamente, pela explosão." Mas nenhum jesuíta ficou ferido ou envenenado pelas radiações.

Em Hiroshima, havia duzentos e sessenta médicos. Duzentos morreram por causa da detonação. *"A maioria dos restantes – escreveu Gabo – ficou ferida. Um reduzido grupo de sobreviventes, entre eles o padre Arrupe, graduado em medicina, não dispunha de nenhum elemento para auxiliar as vítimas."*

Antes daquela calamidade, ninguém sabia nada sobre bombas atômicas, nem sobre radioatividade. **"Agora, qualquer um entende do assunto"**, explicou Arrupe. **No comportamento dos japoneses, verificava-se algo de antigo e épico. "Todos os habitantes, exceto os sacerdotes católicos e quinhentos japoneses, professavam o budismo: ha-**

via setecentos e cinquenta templos, e apenas uma pequena paróquia católica, no centro mesmo da explosão, e uma capela no noviciado, a seis quilômetros de distância."

Até mesmo isso, por si só, despertava admiração. O retorno dos religiosos era um facto recente. O próprio Arrupe, sendo espanhol, e sendo a Espanha um país neutro, tinha permanecido em território japonês, depois do governo do Mikado ter banido todos os estrangeiros originários de países considerados inimigos.

Não era a primeira vez. Durante duzentos e cinquenta anos, os padres não puderam pôr os pés no Estado insular. Porém, a fé cristã não se extinguiu. Uma história à qual o papa Francisco se sente muito ligado. Quando jovem, de facto, ele queria ser enviado como missionário para o Japão. Foi-lhe dito que não, porque devia recuperar a saúde de novo. **"Você ainda não é suficientemente santo"**,

disse-lhe, ironicamente, o superior, que conhecia bem o Japão. E o preposíto geral era, justamente, o padre Pedro Arrupe, que dirigiu a Companhia de **1965 a 1981.**

"Ouçam esta", contou Bergoglio no dia 15 de janeiro, durante a audiência de quarta-feira. "A Igreja, no Japão, sofreu uma dura perseguição, no início do século XVII, houve inúmeros mártires, membros do clero foram expulsos e milhares mortos, não permaneceu nenhum padre; na época, a comunidade retirou-se para a clandestinidade, conservando a fé às escondidas, e, quando nascia uma criança, o pai ou a mãe batizava-o, porque – sublinhou o papa – todos nós o podemos fazer. Cerca de dois séculos e meio depois, quando os missionários voltaram ao Japão, milhares de cristãos emergiram das sombras, e a Igreja conseguiu florescer: tinham sobrevivido com a graça do seu batismo. É algo de grandioso, tinham mantido, embora no segredo, um forte espírito missionário, estavam isolados e escondidos, mas considerando-se, sempre, membros do povo de Deus, da Igreja. Podemos aprender tanto com esta história."



Arrupe, no meio do furacão radioativo, tinha admirado este temperamento com os seus próprios olhos. *"A recuperação moral de Hiroshima foi quase imediata. No dia seguinte à catástrofe – escreveu García Márquez nas linhas finais – começaram a receber auxílios das cidades vizinhas. Durante seis dias, cada sobrevivente recebeu uma bacia com cento e cinquenta gramas de arroz. A fortaleza moral do*

povo foi superior à bárbara e impiedosa experiência atômica."

Pouco depois de o bombardeiro norte-americano ter lançado a bomba mais devastadora de todos os tempos, **"era impossível ver ou escutar – lembrou o missionário jesuíta – algo que lembrasse a presença humana"**.

No entanto, um ano depois, a cidade estava praticamente reconstruída. Não se podia esperar outra coisa de pessoas que, na ausência de Igrejas e clero, tinham conseguido preservar o cristianismo por mais de dois séculos, no interior das paredes das suas casas.

Nem García Márquez nem o jesuíta quiseram falar de milagre, mas nem mesmo passados muitos anos, nenhum deles conseguia explicar **"o que diabo fazia um agricultor de Hiroshima com vinte quilos de ácido bórico em sua casa."**

GARCÍA MÁRQUEZ